

Decolonialidade antropofágica: resistir à re-colonização

Os genocídios perpetrados até hoje em nome da colonização não passam de meras sombras destinadas aos arquivos do esquecimento

Imagem criada a partir da obra "Untitled", 1996, de Tayseer Barakat



O CARÁTER MÍTICO DO TEMPO: UMA CORRELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E RELIGIÃO

Luís Adriano da Silva

Resumo: O objetivo do presente artigo consiste em apresentar o conceito geral de mito com sua peculiar linguagem e sua correlação com a religião explicitando ideias que remetem aos arquétipos¹ cuja derivação vem da palavra grega *arché* (ἀρχή), que é o princípio único e fundante de todas as coisas. A representação simbólica do mito se dá por narrativas fantásticas reveladoras de um “inconsciente imaginário coletivo” de grande importância para a compreensão das sociedades antigas e modernas, pois revela o homem e o mundo por meio das crenças e rituais contidas na narrativa mítica, do tempo cíclico: reatualizado e ritualizado. Diante do exposto, tencionamos analisar e mostrar o caráter mítico do tempo e sua correlação entre linguagem e religião como vital para o processo civilizatório.

Palavras-chave: Arquétipos, linguagem, mitos, religião, tempo.

Abstract: The purpose of this article is to present the general concept of myth with its peculiar language and its correlation with religion, explaining ideas that refer to the archetypes whose derivation comes from the Greek word *arché* (ἀρχή), which is the unique and founding principle of all stuff. The symbolic representation of the myth occurs through fantastic narratives that reveal a

¹ Arquétipo, do grego “arkhétypos”, significa modelo primitivo, ideias inatas, apresentado de maneira a guardar relação de pertinência com o inconsciente coletivo que fora empregado pela primeira vez pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung.

“collective imaginary unconscious” of great importance for the understanding of ancient and modern societies, as it reveals man and the world through the beliefs and rituals contained in the mythical narrative, of time cyclic: updated and ritualized. Given the above, we intend to analyze and show the mythical character of time and its correlation between language and religion as vital to the civilizing process.

Keywords: Archetypes, language, myths, religion, time.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo evidenciar o caráter mítico do tempo e sua correlação com a expressão simbólica por meio da linguagem, evidenciando também os conceitos de arquétipo e inconsciente coletivo. Por último pretendemos ressaltar o aspecto da ritualização religiosa do tempo cíclico e sua importância para a civilização. Assim, faz-se mister conceituar o mito, como sendo uma linguagem que não tem a conotação usual de fábula, lenda, invenção e ficção.

Em concepção análoga, podemos afirmar que o mito é o relato de uma história, ocorrida no princípio dos tempos, por intermédio da interferência de entes sobrenaturais, na medida em que uma realidade passou a existir. Desse modo, podemos afirmar que o mito é a primeira forma de conhecimento da cultura humana. Data-se da cultura grega as narrativas míticas que visavam responder sobre a origem das coisas, bem como do universo.

Por isso para se discorrer sobre a história de uma dada civilização, é de suma importância considerar a existência da oralidade que consiste em textos e imagens legendárias que são cunhadas para explicar o universo, que para os gregos figurou como o *cosmos* contrapondo-se à ideia de *caos*: a criação do mundo ou mesmo de fenômenos naturais, etc. Assim, os mitos apresentam algumas funções típicas como explicar a origem de determinados fenômenos.

É extraído daí o sentido etimológico de mito, pois procura descrever a relação entre fatos, pessoas e símbolos com forças desconhecidas. Os mitos também têm um caráter pedagógico, pois tem por função procurar e ensinar a verdade. Além disso, se revela como aquele que nos traz um julgamento sobre a origem da humanidade e do universo tentando procurar conhecer a finalidade de sua existência.

Assim, o mito está entre as fontes do conhecimento humano, precedendo a religião e o conhecimento científico. Disso decorre o fato de que ao procurarmos compreendê-lo através da

ciência, não logramos êxito. É importante frisar também que o mito está presente de forma muito frequente na narrativa religiosa. Desse modo, podemos afirmar que o mito é a primeira etapa do conhecimento de uma realidade, então, seu núcleo de verdade é nulo, porém, isso não ocorre na religião nem na ciência.

A caracterização da importância do mito para a constituição de uma coletividade é proeminente na maioria das religiões e figuras mitológicas. Posto isso, podemos inferir que a maior parte das mitologias está combinada a pelo menos uma religião sendo transmitida pelas tradições orais muito presente nas mais diversas denominações religiosas que representam a realidade e o mundo íntimo humano de forma profunda.

Arquétipos e inconsciente coletivo

Nessa seção iremos abordar os arquétipos e a noção de inconsciente coletivo, manifestadas por meio das narrativas mitológicas. Perquirindo nos conceitos de Jung², podemos enriquecer nossa compreensão e apreender melhor as linhas descritivas fazendo referência a conceitos como a *conscientização de arquétipos do inconsciente coletivo*. Isso seria um elo entre o consciente e o inconsciente coletivo, bem como as formas através das quais o inconsciente se manifesta.

O inconsciente coletivo consiste na herança das vivências das gerações anteriores. Dessa maneira, ele poderia a seu turno expressar a identidade de todos os homens, seja qual for o tempo e o *locus* onde tenham vivido. A etimologia de Arquétipo, do grego “*arkhétypos*”, significa modelo primitivo, ideias inatas, apresentado de maneira a guardar relação de pertinência com o inconsciente coletivo que fora empregado pela primeira vez por Jung.

Na mitologia, esses conteúdos remontam a uma tradição, cuja idade não é possível remeter. Assim sendo pertencem a um mundo pretérito, primitivo, cujas exigências espirituais são semelhantes às que podemos ainda hoje observar entre culturas ainda existentes. A palavra textual de Jung pode nos evidenciar os conteúdos do inconsciente pessoal, sendo estes, aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos que existem sempre *a priori*.

Em sua concepção, e, relacionando às mitologias os arquétipos têm relação com padrões, símbolos e ideias de culturas passadas e presentes. Conforme observou Jung, alguns símbolos se apresentavam nos sonhos e fantasias. Sobretudo de pacientes psicóticos. (Jung, 1994). Desse modo,

²Carl Gustav Jung (1875 – 1961) continuador da obra de Sigmund Freud, como psiquiatra e estudioso, desenvolveu em sua psicologia analítica os conceitos de arquétipos e inconsciente coletivo.

considerou que a mente humana não seria apenas formada por conteúdos ligados às experiências pessoais, mas que também possui informações pré-estabelecidas e comuns a todos os seres humanos, variando de acordo com a cultura na qual estejam inseridos (arquétipos/ mitologias nacionais).

Pormenorizadamente, a *psique* seria a personalidade total do ser, formada por comportamentos, sentimentos, pensamentos e emoções. Segundo a teoria jungueriana, a mente estaria dividida em consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, estando estas instâncias psíquicas em constantes interações. (Jung 2009). O consciente foi descrito por ele como uma instância que realiza os contatos com a realidade objetiva (as coisas que fazemos); no inconsciente pessoal estão os conteúdos considerados insignificantes ou que foram reprimidos por serem considerados moralmente inaceitáveis.

O inconsciente coletivo em sua acepção pode ser compreendido como um composto de estruturas psíquicas que não são únicas individualmente, mas comuns por herança cultural e, que formaram também uma base biológica, as quais influenciam as formas de pensar de determinadas culturas; como também suas ações. Nos clássicos da literatura ocidental, mais especificamente nos épicos, histórias centradas em personagens heroicos onde estes assumem representações ideais, pode-se considerar que as mitologias (mitos nacionais) são formas de perdurar no tempo sob a forma de arquétipos.

Por conseguinte, os arquétipos também podem ser considerados potencialidades inatas que emergem através do inconsciente coletivo, apesar de terem uma base cultural e biológica. Diante do exposto, podemos dizer que os arquétipos se constituíram de modo geracional, através de repetidas experiências ancestrais. Analogamente, as mitologias nacionais de culturas ocidentais hegemônicas, tais como a grega, a romana e a portuguesa, entre outras; também buscaram se inscrever no tempo como modelos a serem admirados, potencializando através de suas narrativas histórico-poéticas, valores morais como os de coragem, bravura, heroísmo, etc.

Considera-se que, os arquétipos estão relacionados às experiências, assim quando experiências semelhantes são vivenciadas as estruturas arquetípicas podem ser acessadas. Logo, as mitologias destes países foram esteticamente compostas através de suas obras literárias para perdurarem de geração em geração, tendo como intuito a instituição de heróis nacionais, relacionados a deuses e semideuses.

Não obstante, tenhamos que admitir e considerar a importância da tradição e da dispersão por migrações. Há muitos casos em que imagens pressupõem uma camada psíquica coletiva: eis o inconsciente coletivo, mas, como este não é verbal, não pode se manifestar de forma conceitual, o faz através dos símbolos.

Assim, é importante frisar a etimologia de símbolo, que provém do grego *sýmbolon*, do verbo *symbállein*, que poderíamos traduzir *ipsis literis verbis* como lançar com, arremessar ao mesmo tempo. Primordialmente, símbolo era um sinal de reconhecimento: um objeto bipartido, cujo ajuste e confronto permitiam aos portadores de cada uma das partes se reconhecerem.

Portanto, é o símbolo a expressão de um conceito de equivalência. Assim, para atingir o mito, que expressa-se por símbolos é necessário fazer uma equivalência, uma “con-jugação”, uma “re-união”. Se o signo é sempre menor do que o conceito que representa, representa o símbolo sempre em maior intensidade o seu significado evidente e imediato. Concluimos então que o mito consiste numa forte representação do inconsciente coletivo que simboliza as mais diversas manifestações no mundo e da cultura humana.

Mito e linguagem

Nessa seção iremos abordar uma correlação entre mito e linguagem onde o mito consiste numa narrativa de uma criação, portanto uma linguagem com um fim pedagógico: conta-nos de que modo algo, que não era, transmuta-se e passa a ser, é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. Por conseguinte, a *parole*³, a palavra revelada, o dito.

De tal forma, se o mito pode se exprimir ao nível da linguagem, é, antes de tudo, uma palavra que circunscreve e fixa um acontecimento, assim sendo é sentido e vivido. Não pode a seu turno ser inteligível e formulado pelos critérios científicos e da própria religião. Mito é em sua gênese uma proto linguagem que se caracteriza pela palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento na memória dos humanos, emotivo, antes de verter-se em narrativa neste momento uma linguagem bem elaborada.

Assim, o mito exprime o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva que chegou até o período hodierno através de várias gerações. Isso devido a

3 Cf. Saussure, 1916, parole é a produção de significado através do uso da langue (padrões e regras abstratas e internas do sistema de signos e significados) por indivíduos em um contexto social.

sua caracterização como linguagem na etapa final de sua epigênese. Quando pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito se afasta do *logos*. Inicialmente não ocorria esta distinção, isso só se verificou entre os séculos VIII e IV a.C. A distinção entre *mythos* e *logos* se dá, pois o primeiro fica situado na ordem do fascinante, do fabuloso, do maravilhoso; o segundo, na ordem do verdadeiro e do inteligível.

O mito, portanto é uma narrativa de um tempo imemoriável e sendo assim não pode ser apreendido. Não obstante, a história abarca um passado recente e que pode ser comprovado cientificamente, contrariamente o mito cujo *locus* é o fabuloso. Assim, evidenciamos o que fora supra descrito, o fato de que o mito não pode ser entendido pelo pensamento científico. Segundo afirma Roland Barthes (2001), o mito não pode, conseqüentemente, ser um objeto, um conceito ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma. Assim, não se há de definir o mito pelo objeto de sua mensagem, mas pelo modo como a profere.

Dessa maneira afasta-se o mito da filosofia, e das ciências de um modo geral. É na narrativa literária que o mito encontra um *locus* seguro e fecundo e é aí que terá continuidade, ainda que possa sofrer algumas alterações para entendermos em que medida se dão essas alterações. Então, é necessário destacar que se compreenda, primeiramente, o funcionamento primitivo do mito em consonância com Mircea Eliade (1978), que afirma que nas arcaicas sociedades, o mito representava uma história, de tal forma, possuindo um caráter sacro, evidenciando-se como significativo e exemplar para a humanidade.

Em tais sociedades, a narrativa mítica desempenha uma função relevante dentro da estrutura social que dista do sentido de simples fabulação encantatória. De acordo com Eliade, que assim define o mito, como a narrativa de uma criação. Desse modo:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição”. (Eliade, 1978, p. 11).

É factual que a sociedade industrial usa o mito como expressão de fantasia, de devaneios. Não obstante, não é este o sentido que hodiernamente se lhe atribui. Barthes (2001), que procurou reduzir o conceito de mito, descrevendo-o como qualquer forma substituível de uma verdade,

afirma que talvez fosse mais profícuo defini-lo como uma verdade profunda incrustada em nossa mente.

Na sociedade contemporânea investiga-se a verdade histórica, a investigação da verdade pedagógica que está intrinsecamente descrita e que é peculiar ao mito. Muitas vezes é descartada das pesquisas contemporâneas onde se procura tão somente a ilusão mítica em si. Muitos veem no mito apenas os significantes, isto é, a parte concreta do signo. De maneira análoga ao humano hodierno, que é constituído pela ciência da história, o ser humano primitivo é constituído pelos relatos míticos dos eventos, isso evidencia mais uma vez o cunho pedagógico do mito.

A História guarda relação de pertinência com as ciências, é linear e irreversível. Em contrapartida, a narrativa mítica está edificada sobre a égide da intemporalidade. Faz-se mister ao homem primitivo não só conhecê-la, mas também reatualizá-la. Para as sociedades arcaicas, o conhecimento mitológico consistia em apreender o segredo da origem de todas as coisas, tendo conhecimento dessa origem, seria o homem capaz de repetir o ato criador quando necessário. Na maioria dos casos, para repetir o ato da criação seria necessário conhecer simultaneamente o mito de origem e recitá-lo. A partir daí podemos verificar o poder criador da palavra que o mito exprime tão notavelmente.

Em síntese, são os mitos (depois de sua epigênese), uma linguagem imagística dos primórdios. Assim, o mito consegue exprimir a origem de uma instituição, de hábitos, a lógica de uma gesta, a economia de um encontro. Em consonância com o que discorre Ernst Cassirer (1985), em todas as cosmogonias míticas, a palavra assume um caráter de arquipotência, sobrepondo-se ou confundindo-se com o poder dos próprios deuses. Analisando essa relação entre o mito e a linguagem, Cassirer aponta para a possível existência de uma raiz comum entre a consciência linguística e a mítica, assentando, finalmente, que ambas estejam concomitantemente sobre a égide de uma mesma forma de concepção mental: o pensar metafórico.

Evidenciando a “relação ideacional” entre a forma linguística e a forma mítica, Cassirer, evidencia a influência recíproca de uma sobre a outra, descrevendo que,

a linguagem e o mito se acham originariamente em correlação indissolúvel, da qual só aos poucos cada um se vai desprendendo como membro independente. Ambos são ramos diversos da mesma informação simbólica, que brota de um mesmo ato fundamental, e da elaboração espiritual, da concentração e elevação da simples percepção sensorial. (Cassirer, 1985, p. 106).

Assim, ocorre simultaneamente na linguagem como no mito, uma transposição simbólica do conteúdo sensível em uma conformação objetiva. A gênese das metáforas linguísticas e mítica são as mesmas, pois provém do esforço de concentração da percepção sensorial, peculiar a toda informação, independentemente se esta é linguística ou mítica.

É de suma importância observar o contraste que se torna evidente entre a conceituação lógico-discursiva e a mítico-linguística. No primeiro tipo de formação de conceitos temos como característica um esforço de ampliação sintética, de reunião das partes com o todo, sem que haja perda da delimitação de cada uma das partes. Contrariamente, na conceituação mítico-linguística, observa-se um esforço de concentração e de nivelamento e de exaurir as diferenças específicas. Partindo dessa distinção podemos compreender o distanciamento gradual entre linguagem e mito. Enquanto nas formações míticas atua apenas o tipo de conceituação mítico-linguística, na linguagem atua concomitantemente o *logos*.

Enfim, o poder figurador original da palavra se reduz cada vez mais ao mero signo conceitual, o caráter metafórico original da linguagem, que a aproxima do mito. Todavia, não é de todo suprimido, mantém-se deveras na expressão artística, em especialmente na poesia lírica, onde a conexão entre linguagem e mito se torna mais evidente.

Mito e Religião

Nessa seção iremos abordar uma correlação entre mito e religião onde a religião pode ser compreendida como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se prende, apreende e se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais. Considerando-se o vocábulo em estrito senso, podemos afirmar que a religião para os antigos é a reatualização e a ritualização do mito. Neste caso, é pertinente ao rito o poder de suscitar ou ao menos, de reafirmar o mito, através deste, sujeito incorpora-se ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens.

A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. Toma o rito, nesse caso em particular, o sentido de uma ação essencial e primordial por intermédio da referência que se estabelece do profano ao sagrado. Em suma, o rito é a *praxis* do mito. Assim, o mito rememora, o rito comemora. Rememorando os mitos, os reatualiza, renovando-os por intermédio de rituais, o humano verte-se apto a reproduzir o que os deuses e os heróis fizeram em tempos imemoriáveis, pois conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Eis seu caráter pedagógico!

É o rito o meio pelo qual se exprime o mito e reatualiza àquilo que é ritualizado: recriação, queda, redenção, como podemos exemplificar, a Bíblia e sua cosmogonia, e conhecer a origem das coisas de um objeto, de um nome, de um animal ou planta. Isto equivale a adquirir sobre as mesmas um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-las, multiplicá-las ou reproduzi-las à vontade.

Esse volver às origens, por intermédio do rito, é de importância capital, pois significa readquirir as forças que jorraram nessas mesmas origens. Não é em vão que na Idade Média muitos cronistas começavam suas histórias com a cosmogonia. A finalidade era recuperar a cronologia, o tempo primordial e as bênçãos que jorraram, *illo tempore*.

Verificamos na literatura, mais particularmente no pensamento de Eliade que define mito como a narrativa de uma criação que,

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o *Cosmo*, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (Eliade, 1978, p. 11).

Além disso, o rito, reiterando o mito, direciona o caminho, oferece um modelo exemplar, coloca o homem contemporaneamente com o sagrado. Segundo Eliade:

Um objeto ou um ato não se tornam reais, a não ser na medida em que repetem um arquétipo. Assim a realidade se adquire exclusivamente pela repetição ou participação; tudo que não possui um modelo exemplar é vazio de sentido, isto é, carece de realidade. (Eliade, 1978, p. 11).

Então, o rito é o aspecto litúrgico do mito, transforma a palavra em verbo, sem o que é apenas lenda, o que deve ser lido e não mais proferido, a ideia de reiteração conecta-se a ideia de tempo. O transcendente mundo das divindades e dos heróis é acessível e reatualizável. Exatamente porque o ser humano das culturas primitivas não admitia como possível o conceito da irreversibilidade do tempo. No período hodierno a termodinâmica estabelece a flecha do tempo. Mas, em relação ao rito, este abole o tempo profano, cronológico e linear e, por conseguinte, irreversível. Pode-se desta maneira vivenciar uma data histórica, mas não fazê-la volver no tempo, o tempo mítico, ritualizado é cíclico, volvendo sempre sobre si mesmo.

É a reversibilidade que liberta o homem do canga⁴ do tempo morto, dando-lhe a segurança que é capaz de abolir o passado, de reiniciar sua vida e recriar seu universo. O profano é tempo da vida, enquanto que o sagrado, o tempo transcendental da eternidade. O mito, quando estudado *in loco*, não é uma explicação destinada a satisfazer a uma evidência científica, nem religiosa, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeira, que satisfaz as mais profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social e mesmo a exigências práticas.

Nas primitivas civilizações, o mito desempenhava uma função indispensável: exprimia, exaltava e codificava a crença; salvaguardava e impunha os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação humana, impunha uma espécie de proto constituição.

O mito, portanto é vital para a civilização humana, não constitui em absoluto uma fabulação vã, é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente. Não é, absolutamente, uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática. Daí deriva sua importância, que nos apresenta aqui como sendo de cunho político, religioso, pedagógico, moral e mesmo artístico e literário.

A escatologia da natureza, da humanidade, do mundo tem dimensões que só são atingíveis por meio de símbolos. Dessa forma, o mito vir a suprir uma necessidade do próprio homem que é a de atingir tais dimensões que a própria ciência ou crença não conseguem atingir. Portanto, pensamos ser o mito uma verdade intuída e primitiva que não necessita de provas. Basta por si mesmo enquanto busca de sentido para questões relacionadas à existência humana.

Considerações finais

Observamos em nossa pesquisa por meio da análise mítica do tempo, bem como sua correlação entre linguagem e religião, aspectos importantes que revelam a busca de sentido humano para a sua existência. Em nossa análise, também podemos inferir que o mito tem um poder niilista⁵ de ser um nada que concomitantemente é tudo. Assim, nos é possível verificar em Fernando Pessoa (2002, p. 21) poeta contemporâneo, uma vasta referência à mitologia,

⁴ Peça de madeira usada para prender junta de bois a carro ou arado; jugo. Por analogia, refere-se a pau assentado nos ombros de carregadores e usado para transportar objetos pesados.

⁵ Niilismo – Teoria que propõe o estado em que não se acredita em nada, ou de não ter comprometimento ou objetivos (BLACKBURN, Simon (1997, p. 267).

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Em tais imagens e símbolos, que se manifestam na dimensão quimérica e na literária é que se manifesta com maior veemência a permanência do pensamento mítico. Joseph Campbell (1995), no entanto faz notar a concentração de todo o mistério do *cosmos* no interior da consciência humana revelada pelos mitos.

Independentemente da diversidade dos costumes e culturas, ressoam as mesmas imagens intemporais. Tal acepção nos remete a Jung que vê a semelhança entre as imagens e símbolos de diferentes culturas. Ele propõe um imaginário coletivo, que seria depositário de imagens arquetípicas, primordiais de caráter estável, universal e inato.

Diante do exposto, Campbell (1995, p. 19), afirma com proficiência que o médico psicanalista é no período hodierno: “o moderno mestre do reino do mito, o guardião da sabedoria a respeito de todos os caminhos secretos e fórmulas poderosas”.

Destarte, todas as culturas desenvolveram narrativas míticas e em todas podemos observar a recorrência de certas imagens. Os Lusíadas, no caso dos portugueses, a Odisséia nos gregos, A Eneida dos Romanos, foram expressões literárias que engendraram o mito. Isso corrobora com o pensamento de Gilbert Durand (1997, p. 62), que a seu turno, descreve o mito como “um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico, que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa”. Desse modo, o próprio Durand afirma que “o mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias”. (Durand, 1997, p. 63).

Enfim, as imagens e símbolos podem condensar narrativas míticas, como dissemos em linhas supra descritas: os primitivos mitos, que diziam respeito à humanidade como um todo se reduz a imagens individuais, que não obstante guardam relação de pertinência com o imaginário coletivo e, desse

modo, serve de base para uma compreensão mais ampla de diversas culturas através desse imaginário.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. – 11ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Poesia Luís de Camões os Lusíadas*. Apresentação, seleção e notas de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1997.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

JUNG, Carl. G. *Aion*. Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____ *Estudos Psiquiátricos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____ *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____ *Natureza da Psique*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MIELIETINSKY, Eleasar. M. *A poética do mito*. Rio de Janeiro: Forense 1987.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1998.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Martim Claret, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.

Autor:

Luís Adriano da Silva

Psicólogo, professor, licenciado em Filosofia e pós graduado em: Formação e Profissão Docente e Psicologia Social e a Antropologia. E-mail: lluisadrianodasilva@gmail.com.

*Bacharel em Psicologia pela Universidade Paulista (2013), licenciado em Letras - Faculdades Renascentista (2007), licenciado (complementação de estudos) em Pedagogia (2013) e, licenciado em Filosofia (UNISA); *matrícula trancada na UEL - Universidade Estadual de Londrina em (2007). Pós graduado (lato sensu) em Formação e Profissão Docente, Pós graduado em Psicologia Social e Antropologia, Língua Portuguesa e Literatura e Metodologia do ensino de Filosofia e Sociologia (lato sensu) e, *Concluinte das disciplinas (mestrado): Filosofia Contemporânea (USP)/ *Aluno Especial e Educação na Perspectiva Histórico Cultural (UNIFESP) *Aluno Especial. Atualmente é professor efetivo da Prefeitura Municipal de São Paulo. Têm experiências profissionais e interesse nas áreas de: Educação pública, Psicologia Social e Ciências Humanas (Filosofia). Com atuação principalmente nos seguintes temas: Ensino Fundamental, Ensino Médio, Psicologia Social Comunitária, Psicologia Jurídica, Filosofia da Educação, Filosofia Social (Política e Jurídica)/ Moderna e Contemporânea (Educação na Perspectiva Histórico Cultural, Freudo-marxismo, fenomenologia) e Direitos Humanos.*

Curriculum lattes: <https://lattes.cnpq.br/6921015216687156>.